



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



Cidade Falada. Percepções da vida urbana no Complexo do Alemão / RJ

Ciudad Hablada. Percepciones de la vida urbana en el Complejo de Alemão / RJ

*Flávia Garofalo Cavalcanti¹, Mestranda IPPUR / UFRJ,
flavia.garofalocavalcanti@gmail.com.*

¹ Arquiteta Urbanista formada pela FAU USP em 2012, trabalhou com projetos de urbanização de favelas com Prefeitura de São Paulo. Desde 2015 reside no Rio de Janeiro onde desenvolve sua dissertação de Mestrado no IPPUR/UFRJ.

RESUMO

A partir de um estudo de caso emblemático, o Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, investiga-se as relações entre estruturas do espaço físico e estruturas do espaço social. Pretende-se compreender como processos de intensa renovação urbana podem gerar mudanças sociais, nos modos de percorrer e apreciar a cidade. Para isso utiliza-se a técnica de entrevistas semi-estruturadas, que se combina com observação técnica direta de campo tendo enfoque numa abordagem etnográfica.

Entende-se que “Todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua.” (PARK, 1916). Assim, a favela possui espaços identitários que diferenciam as diversas comunidades que ali residem, traços que personalizam aquela porção da cidade para seus moradores e que evocam discursos próprios. Da mesma forma que o espaço social imprime suas marcas no espaço construído de nossas cidades, acreditamos que o espaço físico, a cidade, suas construções, ruas, calçadas, mercados, também imprimem marcas no espaço social.

A pesquisa pretende contribuir para o avanço do conhecimento do espaço social popular, e para os processos de avaliação das transformações urbanas a partir de um corte analítico da infraestrutura que transpasse seu entendimento corrente como objeto apenas técnico, considerando-o na sua dimensão social. Em outras palavras, os efeitos que a estruturas físicas podem causar nas estruturas sociais de uma determinada comunidade.

Palavras Chave: Rio de Janeiro, Complexo do Alemão, Identidade, Pertencimento.

RESUMEN

A partir de un estudio de caso emblemático, el Complejo do Alemão en Rio de Janeiro, se investigan las relaciones entre estructuras del espacio físico y estructuras del espacio social. Se pretende comprender como procesos de intensa renovación urbana pueden generar cambios sociales, en los modos de recorrer y apreciar la ciudad. Para eso se utiliza la técnica de entrevistas semi-estructuradas, que se combina con observación técnica directa de campo teniendo enfoque en un abordaje etnográfico.

Se entiende que “Todo sector y bloque de la ciudad asume algo del carácter de las cualidades de sus habitantes. Como efecto de eso, lo que en un comienzo era una simple expresión geográfica se convierte en vecindad, esto es, una localidad con sentimientos, tradiciones y una historia propia.” (PARK, 1916). Así, la favela posee espacios de identidad que diferencian las diversas comunidades que allí residen, trazos que personalizan aquella porción de la ciudad para sus habitantes y que evocan discursos propios. De la misma forma que el espacio social imprime sus marcas en el espacio construido de nuestras ciudades, creemos que el espacio físico, la ciudad, sus construcciones, calles, calzadas, mercados, también imprimen marcas en el espacio social.

La investigación pretende contribuir para el avance del conocimiento del espacio social popular, y para los procesos de evaluación de las transformaciones urbanas a partir de un corte analítico de la infraestructura que transpase su entendimiento corriente como objeto apenas técnico, considerándolo en su dimensión social. En otras palabras, los efectos que las estructuras físicas pueden causar en las estructuras sociales de una determinada comunidad.

Keywords/Palabras Clave: Rio de Janeiro, Complejo do Alemão, Identidad, Pertenencia.

INTRODUÇÃO

Século XXI, um século urbano. Disso não há dúvidas. Fizemos da nossa vida uma vida urbana, vivida nas cidades. Concretizamos nosso desejo de vivermos coletivamente. A cidade se constituiu como uma obra coletiva e como tal não é um objeto cristalizado, mas sim um palco a espera de seus atores, seus encontros, suas vozes.

A favela, ao contrário do que se pregou durante todo o século XX, não é o contrário da cidade, a 'não-cidade'. A favela é esse mesmo desejo de desfrutar um modo de vida urbano. Porém, sem os recursos necessários para habitar a cidade regulada, a favela se constrói na medida do possível, com os materiais que alcança e a técnica que lhe é conhecida. Concretiza assim, no esforço individual de cada família, o desejo da vida urbana.

A favela se fecha ao restante da urbe. Mas seu fechamento não é projetado como o faz o Shopping Center ou o Condomínio Fechado. Seu fechamento é decorrente da falta de conexões viárias suficientes e, principalmente, da falta de serviços públicos. Sem a instância pública, as construções privadas dominam o espaço físico, o que gera dois efeitos. 1- Marcada pela irregularidade, a favela e seus moradores sofrerão com a estigmatização territorial. 2 - Essa mesma característica física origina laços de sociabilidade e identidade coletiva fortes. A individualidade de seus habitantes está completamente imersa na coletividade em que vivem.

Favela portanto, é um termo carregado de significados, e a escolha por usar esta palavra ou usar a palavra 'comunidade' pode revelar diferentes intenções. 'Favelado', por exemplo, possui toda a carga negativa que conhecemos, relacionando indivíduo e lugar de forma a marca-lo social e territorialmente. Tratamos aqui de "estigmatização territorial" nos termos de Wacquant (2001) quando afirma: "não sofrem apenas de privação material, devem também suportar o desprezo público associado ao fato de morarem em locais amplamente percebidos como 'áreas a serem evitadas', profusas em crimes, em marginalidade e em degeneração moral." Milton Santos também nos confirma essa relação quando escreve (1987) "cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência) independentes de sua própria condição. Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas."

Tal estigmatização influencia as relações interpessoais, afetando negativamente as oportunidades nos círculos sociais, a inserção das crianças no ambiente escolar e dos adultos no mercado de trabalho. Além disso a estigmatização territorial faz emergir entre os moradores de determinada localidade estratégias de diferenciação social interna, criando enclaves dentro do mesmo território, tal diferenciação pode ser percebida na tipologia construtiva, nos círculos de amizade, e principalmente nos discursos falados. Percebemos que os lugares se completam pela fala, espaço e vocabulário em uma relação de simbiose.

A favela assim como qualquer outro bairro, portanto, possui espaços identitários, espaços que diferenciam as diversas comunidades que ali residem. Encontramos em seus moradores sentimentos de pertencimento e de afastamento. Robert Park (1916) afirmou que "todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua."

Tratamos aqui das relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico (BOURDIEU, 1997) e esta pesquisa é uma investigação sobre estas relações através das falas de nossos interlocutores. As oposições sociais materializadas no espaço físico se reproduzem nas falas e vocabulários escolhidos, nas formas de percepção e apreciação da cidade. O espaço social se solidifica no espaço físico. Nas palavras de Bourdieu (ibid):

“O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado ou objetivado) se apresenta assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços.

(...)

As grandes oposições sociais objetivadas no espaço físico (por exemplo capital/província) tendem a se reproduzir nos espíritos e na linguagem sob a forma de oposições constitutivas de um princípio de visão e de divisão, isto é, enquanto categorias de percepção e de apreciação ou de estruturas mentais (parisiense/provinciano, chique/não chique).”

No caso da cidade do Rio de Janeiro poderíamos citar: zona sul/subúrbio ou morro/asfalto ou ainda favelado/playboy.

Mas o que nos interessa aqui é a outra face dessa moeda: como o espaço físico se traduz no espaço social? Da mesma forma que o espaço social imprime suas marcas no espaço construído de nossas cidades, acreditamos que o espaço físico, a cidade, suas construções, ruas, calçadas, mercados e etc, também imprimem marcas no espaço social. Armando Silva (2001) afirma: “Cada cidade tem seu próprio estilo. Se aceitamos que a relação entre coisa física, a cidade, sua vida social, seu uso e representação, suas escrituras, formam um conjunto de trocas constantes, então vamos concluir que em uma cidade o físico produz efeitos no simbólico: suas escrituras e representações. E que as representações que se façam da urbe, do mesmo modo, afetam e conduzem seu uso social e modificam a concepção do espaço.”

A investigação proposta por essa pesquisa situa-se neste interim e parte de uma perspectiva dialética: tal como mudanças no espaço social geram mudanças no espaço físico, mudanças na estrutura do espaço físico podem gerar mudanças nas estruturas do espaço social.

Trata-se da análise da efetividade social de grandes obras de infraestrutura urbana relacionadas à mobilidade (estruturas do espaço físico) nas favelas do Rio de Janeiro e seus impactos na rotina dos moradores, seus percursos e percepções do ambiente em que vivem (estruturas do espaço social). Como estudo de caso escolheu-se o Complexo do Alemão, zona norte da cidade, tendo como foco a implantação do teleférico. Entende-se que não se trata apenas de projetos de urbanização, mas da construção de equipamentos urbanos que alteram a relação com o território, ao mesmo tempo em que se constituem em artefatos simbólicos que alteram as formas de representação (criação de imagens e mudança no vocabulário, por exemplo) desse mesmo território.

Através do estudo do Complexo do Alemão, constata-se que apesar dos investimentos de vários Programas de Urbanização, a partir de meados dos anos 1990 e principalmente a partir de 2007 com o PAC (programa de aceleração do crescimento), persistem graves problemas de acesso, precariedade e qualidade nos serviços públicos ofertados nesta porção da cidade, ao mesmo

tempo que surgem resultados parciais como se fossem "ilhas" de atendimento. Com a introdução de ações de segurança pública nas favelas do Rio de Janeiro, através das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), abriu-se um caminho de retorno à esfera do Estado como política de mais longo prazo, complementar a de segurança no sentido de inserir estes lugares na cidade formal-legal. No Complexo do Alemão, por exemplo, todas as estações de embarque e desembarque do teleférico são acompanhadas de uma edificação da Polícia Pacificadora. Por observação técnica de campo e entrevistas com moradores esta pesquisa tem tido oportunidade de acompanhar como este processo de inserção na regularidade acontece analisando a implantação de um equipamento urbano público associado a uma política de segurança que se configura num maior esforço de presença do Estado neste território através de intervenções físicas espaciais que geram efeitos sociais.

Estas distinções físicas (lugares atendidos e não atendidos) engendram distinções sociais gerando impacto na rotina dos moradores, na sua sociabilidade cotidiana e conferindo distintos graus de inserção na cidade formal. Aqui se faz então a questão central desta pesquisa: identificar e analisar as mudanças internas que afetam a percepção e apreciação da vida urbana pelos moradores de distintos locais do Complexo do Alemão a medida que se introduz novos dispositivos de acesso a infraestrutura, e em que grau se dá (ou não) a inserção desses habitantes à cidade oficial.

Para atingir o objetivo pretendido o estudo envolveu uma metodologia de corte qualitativo trabalhando com a percepção dos moradores sobre as mudanças ocorridas. Para isso utilizamos a técnica de entrevistas semi-estruturadas, que se combina com observação técnica direta de campo. A pesquisa, pretende, contribuir para o avanço do conhecimento do espaço social popular, e para os processos de avaliação das intervenções em assentamentos precários a partir de um corte analítico da infraestrutura que traspasse seu entendimento corrente como objeto apenas técnico, considerando-o na sua dimensão social.

DICOTOMIA CARIOCA

O (RE)CONHECIMENTO DA FAVELA EM OPOSIÇÃO À CIDADE

Toda representação é uma construção social. Os fenômenos naturais ou não que nos rodeiam geram imagens, símbolos, estórias, etc. Nesse sentido, a favela, um fenômeno urbano, possui representações fortes no imaginário brasileiro que se solidificaram ao longo do século XX.

A imagem geratriz da ideia de favela que se construiu socialmente nas primeiras décadas do século XX identifica a favela, com o rural, com a não cidade, com um lugar ao qual devemos nos distanciar para alcançar o mundo moderno, a civilização. Este universo simbólico em torno da interpretação da favela criado neste momento estabelece um arquétipo de favela que atravessa os tempos e chega até as falas de nossos interlocutores atuais. Percebemos relações de proximidade e distanciamento que envolvem esses símbolos e suas representações, gerando diferenciações entre distintas favelas (favelas da Zona Sul e favelas da Zona Norte, por exemplo) e também internas ao próprio território do Complexo do Alemão.

A sociedade brasileira hierarquizada pode ser vista por múltiplos olhares como faixa de renda, nível de escolaridade, ocupação/emprego, etc. Mas o que nos interessa aqui é a espacialização dessa hierarquia social, ou seja, o espaço social fisicamente realizado da sociedade brasileira especialmente na cidade do Rio de Janeiro que apresenta determinada distribuição de bens e

serviços e também de indivíduos e grupos sociais que possuem oportunidades distintas de apropriação desses mesmos bens e serviços. O espaço habitado funciona assim como uma espécie de representação do espaço social, exprimindo, portanto, as hierarquias e as distâncias sociais presentes na sociedade carioca e materializando conflitos em locais específicos da cidade.

A posse do capital se traduz em poder sobre o espaço físico da cidade. A apropriação sobre determinado espaço seja na forma da residência fixa, do local de trabalho ou mesmo das áreas de lazer que frequenta, revela a posição social que um agente ocupa na hierarquia da sociedade carioca (BOURDIEU, 1997). Dessa forma, morar em Copacabana ou no Complexo do Alemão não significa a mesma coisa.

É sabido por todos aqueles que habitam a capital fluminense que a Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro concentra qualidades espaciais naturais e construídas inexistentes em outras localidades do município, ela possui uma paisagem urbana altamente qualificada. Na face oposta temos o subúrbio e a favela carioca, onde residem as classes populares.

Essa luta pela apropriação física e simbólica da cidade é mediada pelo capital e se espacializa na cidade do Rio de Janeiro na dicotomia zona sul X subúrbio/favela. Bordieu, no texto *Os Efeitos do Lugar*, afirma:

“O capital permite manter à distância as pessoas e as coisas indesejáveis ao mesmo tempo que aproximar-se de pessoas e coisas desejáveis (...). Inversamente, os que não possuem capital são mantidos à distância, seja física, seja simbolicamente...”

A privação material advinda do desemprego crônico e/ou da informalidade, o exílio em bairros decadentes onde há escassez de recursos públicos e privados e a estigmatização da vida (cor, raça, credo, local de moradia, etc) fazem parte da vida do morador do subúrbio e não do morador da zona sul.

Sobre a repressão como a condição necessária para manter a ordem social e dessa forma os meios de acumulação de capital vigentes, Lúcio Kowarick (1993) descreve o papel essencial do Estado. Nesse sentido, quando os investimentos estatais se direcionam sobretudo para os modos de acumulação do capital em detrimento da reprodução da força de trabalho, acentua-se o processo de espoliação urbana, e quando a produção de excedente se realiza na “pauperização absoluta” de grande parcela da população, o Estado para viabilizar tal modelo econômico e social assume um papel nitidamente repressor, explicitado, no caso carioca, pelas ações policiais.

Em tal realidade fica claro que a cidadania não é uma condição partilhada por todos igualmente, mas sim algo condicional, parcial e situacional (ROY, 2009). A cidadania é, dessa forma, algo que precisa ser constantemente conquistado e seguidamente assegurado.

COMPLEXO DO ALEMÃO: FRAGMENTAÇÃO E DISPERSÃO

O processo de estruturação do Alemão é resultado da própria estruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro que consolidou um modelo no qual ‘trem, subúrbio e população pobre’ passaram a ser uma tríade indissociável na mesma medida que ‘bonde, zona sul e modernidade’ se localizam na extremidade oposta (ABREU, 2005). Como já explorado no item anterior estamos tratando aqui de uma porção da cidade identificada com o atraso, com uma paisagem que remontará à imagens rurais devido à falta de infraestrutura urbana. É com esta porção da cidade que lidamos.

Situado na zona norte da capital fluminense, o Complexo do Alemão encontra-se próximo à linha férrea Estrada de Ferro Leopoldina. Essa área apresenta uma ligação direta entre industrialização e favelização. Ao mesmo tempo que as indústrias se retiram da zona central com a expansão dos trens e com a abertura de novas vias expressas o transporte público urbano de passageiros é caro e ineficiente o que leva os operários a ocuparem o entorno das fábricas.

Lembramos aqui que este período de industrialização e crescimento econômico do Brasil teve como um de seus alicerces a pauperização de vasta parcela da população brasileira. O crescimento urbano decorrente deste processo espelha no espaço físico a segregação que ocorre nas relações econômicas. Lúcio Kowarick afirma:

“ A periferia como fórmula de reproduzir nas cidades a força de trabalho é consequência direta do tipo de desenvolvimento econômico que se processou na sociedade brasileira nas últimas décadas. Possibilitou, de um lado, altas taxas de exploração de trabalho e, de outro, forjou formas espoliativas que se dão no nível da própria condição urbana de existência a que foi submetida a classe trabalhadora.” Kowarick, 1993, pag 42.

O número de comunidades que integram o Complexo assim como sua delimitação varia conforme a fonte. A UPP Social (programa da Prefeitura do Rio de Janeiro) aponta 15 comunidades dentro do complexo, enquanto o IBGE (órgão federal) identifica somente 12.

O Complexo do Alemão possui uma ocupação com diferentes padrões construtivos. Quando é possível avistar o alto do Morro percebemos casas de madeira, em ocupação ainda dispersa e aparentemente recentes (principalmente em direção à Serra da Misericórdia). Na lógica de ocupação inicial dos morros, quanto mais alta a casa e mais longe das vias principais mais barata é a construção e mais pobres são as pessoas que lá residem. A medida que nos aproximamos das vias principais a densidade construtiva aumenta, uma profusão de becos e vielas dá acesso à um sem números de construções. A proximidade de valas a céu aberto ou a estabilidade do solo podem dar origem a construções mais pobres e precárias do ponto de vista construtivo. Da mesma forma o abastecimento de água, a coleta de lixo e esgoto também são fatores de diferenciação socioeconômica. Na extremidade oposta temos locais que apresentam construções amplas com recuos laterais, em vias de largura regular e prédios variando de 3 a 6 pavimentos (em média) com uma densidade construtiva menor e mais ordenada como o caso das áreas conhecidas como Loteamento e Área 5. Essas diferenciações construtivas contribuem para identidades distintas dentro do todo conhecido como Complexo do Alemão como já foi assinalado anteriormente e será explorado mais à frente.

Fato recente e que está presente fortemente no dia-a-dia do Complexo são as mudanças introduzidas na dinâmica local representadas pela dupla de siglas PAC+UPP, como apontado no início deste artigo. As obras de infraestrutura urbana do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) iniciaram-se em 2008 e incluem uma série de melhorias em infraestrutura e equipamentos. Dentre as obras a que mais se destaca pelo volume de gastos públicos (29% do total) e pela repercussão que possui é o Teleférico do Alemão. Inaugurado em julho de 2011, com seis estações (Bonsucesso, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Itararé, Morro do Alemão e Palmeiras) e percorrendo aproximadamente 3 km de extensão o teleférico liga os pontos altos do Complexo ao sistema ferroviário. Através das estações do teleférico vemos também a consolidação da nova política de segurança pública através das edificações das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) cujo objetivo é retomar essa porção da cidade que há muito havia se perdido para outras formas de organização financeira, social e política representadas pelas facções criminosas. A espacialização da política de UPP e suas ações do Complexo do Alemão exemplificam formas de

projetar e gerir a cidade com vistas ao seu controle social, sendo os edifícios da UPP uma espécie de checkpoint, locais de verificação e monitoramento.

CIDADE VIVIDA, CIDADE FALADA: A CARIOQUISSÉ PELA BOCA

Neste item mergulharemos no estudo de campo. Foram 10 meses de idas e vindas ao Complexo do Alemão. Alcançando-o das mais diversas formas: trem + teleférico, metrô + ônibus, ônibus + teleférico, ou somente ônibus. As combinações são várias, mas o ponto de partida concentrou-se em Nova Brasília. O diário de campo que se formou a partir de então será apresentado agora e está organizado em três partes. Primeiramente será apresentado o trabalho de campo a partir das impressões iniciais que tivemos. A seguir a observação participante é o tema. Neste item uma importante personagem é apresentada. Nosso Doc², teve o importante papel de nos guiar nas caminhadas e trazer uma observação particular em nossas conversas. Por último adentraremos nas falas dos moradores do Alemão. Uma seleção das falas é apresentada remetendo a diversos aspectos da vida naquele espaço.

O TRABALHO DE CAMPO: APROXIMAÇÃO COM O TERRITÓRIO

O início do trabalho de campo se deu com o que chamamos de visitas exploratórias. Éramos três pesquisadoras e fizemos cinco visitas exploratórias percorrendo, à pé e de teleférico, principalmente a região centro-sul do Complexo do Alemão.

Nesta primeira fase percebemos que uma porta pode levar para dentro de uma única casa, mas também à várias casas, corredores e pequenos pátios com várias portas. Esse tipo de situação acontece principalmente na região de Nova Brasília, e por isso mesmo a sua densidade construtiva é muito mais elevada em comparação ao restante da ocupação.

Acessando o teleférico por qualquer uma das estações nunca tivemos problemas com filas de espera ou lotações do sistema. Mesmo em horários de pico o acesso e transporte se dá com tranquilidade. O que percebemos é o uso desse sistema majoritariamente por moradores do Complexo, mesmo que em número muito abaixo da capacidade dos equipamentos instalados, pois muitas cabines permanecem vazias durante o percurso ou com poucos usuários.

Atualmente o sistema de teleférico do Alemão transporta em média 10 mil passageiros/dia entre 6h e 21h, portanto, menos de mil passageiros por hora sendo que o sistema tem capacidade para transportar até 3 mil passageiros/hora, operando assim, com menos de um terço de seu potencial³. Desde a sua inauguração em 2011 o teleférico do Alemão opera de modo deficitário, ou seja, a receita gerada não custeia a manutenção do sistema.

Com o tempo nos acostumamos com a militarização do espaço. No Complexo do Alemão a presença de policiais militares é muito maior que em alguns outros lugares da cidade. Ao lado das

2 Doc é o personagem de William Foot-White de "Treinando a Observação Participante" in GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.), Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.

3 Dados informados pela reportagem intitulada "Em 4 anos Teleférico do Alemão fracassa para o turismo e para o transporte" de UOL Notícias de 15/07/2015 disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/05/deficitario-teleferico-no-alemao-rj-e-visto-com-desinteresse-apos-4-anos.htm> (acessado em 09/03/2016).

estações a presença é constante devido ao edifício da polícia militar. Depois de algumas visitas percebemos a presença regular dos policiais nas vias principais e em alguns becos ou vielas específicas. Algumas vezes tivemos dificuldade de acesso ou de livre circulação no Complexo do Alemão devido a ocorrência de conflitos armados. Por vezes recebemos alertas dos moradores, chamando atenção para nossa segurança. A medida que nossa presença se tornou mais conhecida no bairro esses cuidados também aumentaram.

Em nossas idas ao Complexo foi possível perceber uma rede de sociabilidade forte entre vizinhos. Em Nova Brasília, foi comum encontrar vizinhos de porta conversando na frente de suas casas, às vezes almoçando juntos sentados no degrau de entrada. Esse tipo de ocorrência foi ainda mais observado nos becos e vielas onde a proximidade física entre as construções é maior. Certa vez, entramos em uma dessas vilas, onde uma garagem coberta dava acesso à várias casas. As crianças haviam acabado de chegar da escola e brincavam nesse pátio, entrando e saindo de várias casas, deixando claro como aquelas famílias eram próximas entre si e com suas portas abertas para o pátio comum era o jeito de cada família se revezar no cuidado das crianças.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Mariana⁴ foi moradora do Complexo do Alemão desde que nasceu até o seu casamento com 24 anos. Segunda filha de 4 irmãos, viveu a vida inteira na casa construída acima da casa de sua avó, com seus pais e irmãos. Mariana é conhecida em Nova Brasília, sua vizinhança. Por onde anda cumprimenta familiares, amigos de seus pais, comerciantes da região. Na maioria das vezes são pessoas mais velhas, que parecem criar em torno dela uma rede de proteção.

Apesar de sua desenvoltura, Mariana pouco conhece o Complexo do Alemão e não se aventura a andar por ruas ou becos desconhecidos, possui grande receio de algumas áreas – “eu não sei ir lá e depois voltar” - e está sempre atenta.

Foi com ela e por seu intermédio que começamos a percorrer o Alemão. Nas primeiras vezes ela fazia mapas antes de sairmos caminhando pelo morro, era uma forma de não entrarmos em nenhuma área desconhecida. Com o passar do tempo ela mesma foi conhecendo mais a região – “eu nem sabia que existia isso aqui!” – e perdendo algumas amarras, principalmente a preocupação de que víssemos uma situação que ela considerasse inapropriada.

Certas vezes seu irmão, João, nos acompanhou em nossas caminhadas. A rede de proteção em torno dele é a mesma, mas João é mais despreocupado, diz que conhece o Alemão como a palma de sua mão – “conheço tudinho isso aqui! Vou pra cima e pra baixo!” – e a cada esquina que chegamos João conta uma história de algo que aconteceu ali. Mariana completa – “é por isso que minha mãe tem medo quando ele sai de casa! Ele não para quieto!”. João se apropriou do território de forma plena, joga bola, sabe atalhos para as vias principais e de tudo que acontece nos arredores. É justamente por ter se apropriado do local onde vive que sua mãe tem medo, pois se apropriar daquele local, do Complexo do Alemão, também significa colocar a vida em risco.

Ficou claro como os limites territoriais da Mariana e do João são distintos. Por conhecer tão bem o local João não se sente intimidado ao percorre-lo, dominando-o física e simbolicamente. João sabe a quem se dirigir e como se portar em determinados locais – “não olha muito pra lá não” – ou – “agora vai ficar mais complicado tirar foto” – foram alguns dos conselhos que ouvi. Os limites de

4 Os nomes reais foram alterados para preservar os personagens.

Mariana continuam o entorno de sua casa e o caminho diário para o ponto de ônibus, e justamente por desconhecer o restante seu receio era muito maior. Armando Silva (1992) diz:

Dominar o território é assumi-lo numa dimensão linguística e imaginária; ao passo que percorrê-lo, pisando-o e marcando-o de uma ou de outra forma, é dar-lhe entidade física, que, evidentemente, se conjuga com o ato denominativo. Esses dois exercícios, dominar e percorrer, têm de evoluir para o encontro da região chamada território, como entidade fundamental do microcosmo e da macrovisão. Vejamos: a macrovisão do mundo passa pelo microcosmo afetivo, a partir do qual aprendemos a denominar, a situar ou marcar o mundo que compreendemos não só de fora para dentro mas originariamente ao contrário, de dentro, do meu interior psicológico, ou ainda, dos interiores sociais do nosso território para o mundo como resto.”

João domina o seu território, aprendeu, percorrendo-o, suas dinâmicas. Sabe aonde ir e o melhor horário para determinados percursos. A expressão de um amigo seu – “ele é safo!” – significando esperteza ou vivacidade confirmam esse aprendizado a partir do território em que vive. As falas de um jovem em uma dessas caminhadas - “ Na favela a gente aprende todo dia. No beco e na rua que é a sala de aula da favela. E agora isso tá se perdendo com essa militarização toda. ” – confirmam a importância que o espaço público da rua, dos becos, vielas e praça possuem na vida social de uma comunidade, especialmente aquela em que o indivíduo está imerso na coletividade.

“Na favela o ambiente privado domina o ambiente público. Mas, paradoxalmente, a vida individual se encontra bastante imbricada na vida coletiva. O espaço público bastante indefinido e, em geral, mal dimensionado para as exigências contemporâneas, não obstante, cumpre papel aglutinador e socializador (...).” MAGALHÃES, Sérgio Ferraz. Cidade, Desejo e Rejeição in Sobre Desejos e Cidades. PESSOA, F. e BARBOSA, R. (org). Fundação Vale. 2012.

Durante a pesquisa, uma transformação importante aconteceu, Mariana se casou e foi morar com o marido no subúrbio. Certo dia, enquanto caminhávamos no Alemão eu lhe perguntei como estavam os preparativos para a festa, se ela já havia decidido qual salão de cabeleireiro se arrumaria e sua resposta – “já sim, é um salão aqui perto de casa, mas é muito bom sabe? É quase um salão da zona sul!” – deixou claro como a cidade está profundamente dualizada. Percebi então a referência que a zona sul representa em todos os aspectos da vida social carioca, simbolizado nessa conversa por um salão de cabelereiro. A comparação “é quase um salão da zona sul” demonstra o prestígio que essa porção da cidade possui sobre o restante da urbe carioca, e a tentativa de alcançar o padrão representado por ela em diversos segmentos, até mesmo por um salão de cabelereiro.

Depois de mudar-se para a casa nova com o marido, voltamos a nos encontrar fora do Alemão, falava que nossas caminhadas eram ótimas para reencontrar a família, mas já não desejava voltar a morar ali. Sua fala - “como a gente se acostuma rápido a poder sair e voltar pra casa a hora que quer né?” – em relação à segurança que sentia no novo bairro demonstra como sua percepção em relação a antiga vizinhança mudou. Seu esforço agora recai sobre convencer os pais a se mudarem do Alemão. Sua mãe – “A Mari quer que a gente vá embora daqui. Mas olha essa casa...tanta história que a gente tem aqui, a casa que a gente construiu, não dá pra abandonar assim.” – continua resistente a ideia e demonstra forte apeço pelo lugar.

Ao entrar em contato com a família de Mariana, fica claro que a casa da família está para além da dimensão material. Não significa apenas a expressão física de capacidade de adaptação de uma família num cenário de privação, mas também a construção de relações de afeto e proximidade

com o território. A construção da casa, o aproveitamento dos espaços, subir mais uma laje, são acontecimentos que se mesclam com a própria construção da vida familiar. Rosângela, mãe de Mariana, em uma conversa sobre a vida da família no Alemão conta sua história narrando como foi modificando sua casa, a construção de mais um quarto quando a segunda filha nasceu, mudança na entrada, abertura de uma janela. “As pessoas contam acontecimentos da vida pontuando as transformações feitas na casa e falam sobre os planos sempre tendo as casas e as lojas como referência e a possibilidade de transformá-las, vende-las ou aluga-las. As construções marcam os tempos da vida” como afirma Eugênia Motta em Casas e Economia na Favela, 2014.

A própria história de ocupação do Alemão se mescla às construções realizadas por essas famílias. A apreciação que demonstram pela cidade do Rio de Janeiro em geral e pelo Complexo do Alemão em particular, passa também pelo apreço que possuem por suas casas, pelo pertencimento que sentem ao lugar que construíram.

CONVERSAS, FALAS E REGISTROS: PERCEPÇÕES DA VIDA URBANA PELOS MORADORES DO ALEMÃO

O questionário desenvolvido para dar início às entrevistas semi-estruturadas atentava-se para as mudanças de infraestrutura que ocorreram no Complexo e os efeitos físicos e simbólicos que decorreram dessas mudanças. A partir da relação que possuem com a sua casa procuramos perceber como se relacionavam com o Complexo do Alemão como um todo e com o restante da cidade. Perguntas do tipo “como é a sua relação com a sua rua e vizinhos?” e “Como você vê a relação do Complexo do Alemão com a cidade?” ou “você utiliza algum equipamento construído pelas obras do PAC?” e “Como o teleférico mudou seu ir e vir no dia-a-dia?” nos orientaram nessa tentativa de desvendar a apreciação e percepção que fazem do território e seus novos equipamentos. Perguntas acerca dos serviços públicos ofertados no bairro, como coleta de lixo, água encanada e coleta de esgoto também foram importantes para compreender o nível de formalidade que determinada região possui, o que influencia também na apreciação e pertencimento em relação ao bairro.

Começamos por Nova Brasília, uma área que se destaca dentro das três analisadas por apresentar altíssima densidade construtiva, sem demarcação prévia de lotes, com construções estreitas e muito próximas, comprometendo ventilação e insolação e apresentando dificuldade de acesso e circulação de pessoas e veículos. É uma área onde as obras do PAC a partir de 2008 foram muito impactantes, com a pavimentação de becos e vielas, alargamento de praças (com a remoção de construções), a construção de um centro cultural (Praça do Conhecimento), mas que mesmo assim possui locais de extrema pobreza onde as obras de urbanização não se fizeram sentir, é o caso do local conhecido como “Vila Miséria” pelos moradores de Nova Brasília, uma espécie de sub-área que apresenta percepções distintas do restante dos moradores de Nova Brasília.

Como trechos mais emblemáticos dos discursos dos moradores de Nova Brasília podemos destacar:

“Ainda tem que melhorar muito, mas nunca chega aqui. Fica bonita só a frente, mas no miolo não fazem nada. O que adianta só um reclamar?”

“Não tem como eu falar que moro no Complexo do Alemão em uma entrevista de emprego, por exemplo, senão não me contratam”

Graciela (moradora da região conhecida como Vila Miséria)

“O PAC já veio consertar meu encanamento 3 vezes. Em nenhum deles deu certo. Agora está consertado porque meu avô consertou”

Letycia

“Dá vergonha de levar visitas até em casa. Não por causa da minha casa, mas chegar até ela. As obras não chegam onde realmente precisam, aqui no miolo mesmo não ocorrem obras”

Sem nome (conversa descontraída em um dos becos da Vila Miséria)

“Eu moro aqui desde que nasci. Hoje em dia trabalho aqui, quase não vou na cidade (formal). Não sei como seria morar fora daqui.”

Vanessa

“Eu gosto daqui né. Aqui tem tudo. Claro que é um bairro.”

Matildes – moradora próxima à Praça do Conhecimento e à principal rua de comércio local.

“Ando esses morros todos. De ponta a ponta. Pra quem mora lá em cima o teleférico é muito bom, aqui não faz diferença não.”

“Mas aqui não é bairro não, é favela mesmo!”

Angela

“Eu digo que o Loteamento é a ‘Zona Sul’ de Nova Brasília. Lá é tudo canalizado, nada tem esgoto pra fora. Mas lá é muito frio, ninguém se conhece, aqui (em Nova Brasília) é muito mais solidariedade.”

“O teleférico pra quem mora na parte alta eles tão desfrutando bastante, mas pra gente aqui ele não mudou nada.”

“O morro naquela época não tinha isso (violência) que nós temos hoje. A gente morou sete anos aqui sem porta, vivia tudo aberto.”

Rosângela – mãe de Mariana.

“Eu prefiro aquela época do que hoje. Os vizinhos aqui, nunca tinha sido assaltado, depois que entrou a UPP é um atrás do outro. E a gente não pode nem falar com a polícia e nem falar com o bandido. Eu não sou a favor de bandido não! Deus me livre! Mas antes a gente sabia o que acontecia, agora a gente não sabe se vai chegar em casa.”

Mario – pai de Mariana.

“Ah, quem usa (o teleférico) é mais daqui mesmo, ainda mais que tem passagem de graça. Que nem eu que estudo em Bonsucesso é bem mais fácil pegar o teleférico e já descer lá direto.”

“Ah... melhorou assim né... não tem mais tanta arma na rua, tanta venda de droga...mas se você entra nos becos mesmo nada mudou, é mais nas estações mesmo, pra inglês ver.”

Pedro – morador próximo à estação Itararé – conversa descontraída na cabine do teleférico.

Diferentemente de Nova Brasília, as regiões do Loteamento e Área 5 possuem uma estrutura urbana com aparência mais formal, houve a prévia delimitação de lotes e vias (por isso o nome Loteamento), as construções possuem maiores dimensões e recuos laterais e frontais o que possibilita maior qualidade de iluminação e ventilação interna. Interessante notar que em todas as entrevistas feitas nessas duas áreas os moradores responderam satisfação quanto ao serviço de coleta de lixo, somente um entrevistado respondeu que não havia o serviço de coleta na porta de casa. Pela própria dimensão das vias e o seu traçado o serviço público de coleta de lixo se faz muito mais presente nessas áreas do que em comparação à Nova Brasília onde todos os moradores entrevistados responderam que precisavam descartar o lixo em algum outro ponto do complexo, o que gera uma insatisfação com o serviço e o acúmulo de lixo nas vias. O mesmo acontece em relação ao fornecimento e à qualidade da água. Enquanto na Área 5 e Loteamento somente um morador relatou abastecimento irregular (um entre nove entrevistas) em Nova Brasília os relatos foram bem diferentes com a maioria dos entrevistados apontando além da frequência irregular do abastecimento a má qualidade da água com cor amarelada ou barrenta (nove entre dez entrevistas).

Essa configuração urbana distinta que possibilita um melhor acesso a serviços públicos confere a estes moradores uma distinção em relação aos outros moradores do complexo, o que pode ser percebido nos discursos ouvidos. Fica evidente um certo afastamento dos moradores da Área 5 e Loteamento do restante do Complexo do Alemão, um distanciamento que se evidencia na falta de conhecimento dos problemas em comum e num certo desinteresse em se envolver ou frequentar equipamentos do local. Entre falas, destacamos:

“Eu falo que eu moro em Inhaúma. Não falo com meus amigos que moro no Complexo do Alemão [...] Eu quase não vou lá não (Praça do Conhecimento) pessoal de lá é muito favelado, sabe como é [...] Para quem é morador ele (o Complexo do Alemão) tá incluído na cidade, para a cidade ele não tá”

Bruna – moradora do Loteamento.

“Pessoal do morro até achava que aqui era quase lugar de rico, até chamava a gente de ‘playboy do loteamento’, mas agora tá tudo igual, com essa violência”

Vanessa – moradora do Loteamento.

“O Complexo tem diversas culturas diferentes, há uma diferença entre essa área (área 5) e a favela, como modo de se vestir, de agir, de falar e até de morar”

“Antes do PAC e da UPP eu conhecia todos os vizinhos aqui, mas ai uns venderam a casa por que valorizou e um povo de lá começou a morar por aqui, por isso que agora você vê a polícia por aqui também, antes não era assim...era tranquilo...mas a violência que tá lá agora tá aqui também”

Thais – moradora da Área 5.

“O Alemão não é um bairro, ainda falta muito pra ser. Falta as pessoas serem mais educadas.”

Margareth – moradora do Loteamento.

As falas de Bruna, moradora do Loteamento, foram especialmente marcantes. Bruna, estudante universitária de 24, mora com a mãe (feirante) e o pai (frentista) em uma casa alugada num conjunto de casas sobrepostas no Loteamento. Quando pequena a família morava num morro no Andaraí, mas a dificuldade de acesso ao local os impulsionou a mudar de casa. Sua relação com o território é restrita, circunscrita à vizinhança do Loteamento. Quando ela diz – “Eu quase não vou lá não, pessoal de lá é muito favelado, sabe como é..” - referindo-se à Praça do Conhecimento que fica no meio de Nova Brasília, deixa claro o afastamento que mantém deliberadamente com o restante do Complexo não se identificando com o grupo chamado de ‘favelados’. Bruna, neste caso, por morar no Loteamento, percebe-se como integrante de uma outra coletividade, que não aquela. Uma coletividade que goza de maior formalidade urbanística e social, e que por sua localização (na parte baixa, próximo à Av. Itaóca com farto transporte público por ônibus) possui pouca relação com os morros que compõem o Complexo. Nesta posição, que pode ser vista como uma posição privilegiada dentro Alemão, Bruna não se sente à vontade ao frequentar os mesmos equipamentos que a população de Nova Brasília, identificada por ela como pertencentes a outro grupo social. Por suas expressões e por outras falas dos moradores dessa área identificamos aqui uma relação de estabelecidos e outsiders, sendo os moradores do Loteamento os estabelecidos e os moradores de Nova Brasília os outsiders, onde o contato entre uns e outros “é sentido como desagradável”

“Costumeiramente, os membros dos grupos outsiders são tidos como não observantes dessas normas e restrições. Esta é a imagem preponderante desses grupos entre os membros dos grupos estabelecidos. Os outsiders (...) são vistos – coletiva e individualmente – como anômicos. O contato mais íntimo com eles, portanto, é sentido como desagradável. (Grifo nosso)” ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

A estigmatização dos moradores de determinada área do Complexo do Alemão é assim realizada. E, ampliando o quadro para a cidade do Rio de Janeiro, podemos perceber essa mesma relação estabelecidos – outsiders para as dicotomias zona sul x subúrbio / morro x asfalto discutidas no capítulo 2. Essa separação social existente entre os membros dos dois grupos é ainda confirmada pela fala de Bruna - “Para quem é morador ele (o Complexo do Alemão) tá incluído na cidade, para a cidade ele não tá” - reforçando a representação da favela, forjada no início do século XX, como a ‘não-cidade’, conforme discutido na Introdução deste artigo.

IMAGENS

Imagem 1: Estrutura urbana do Complexo do Alemão. Elaboração da autora.

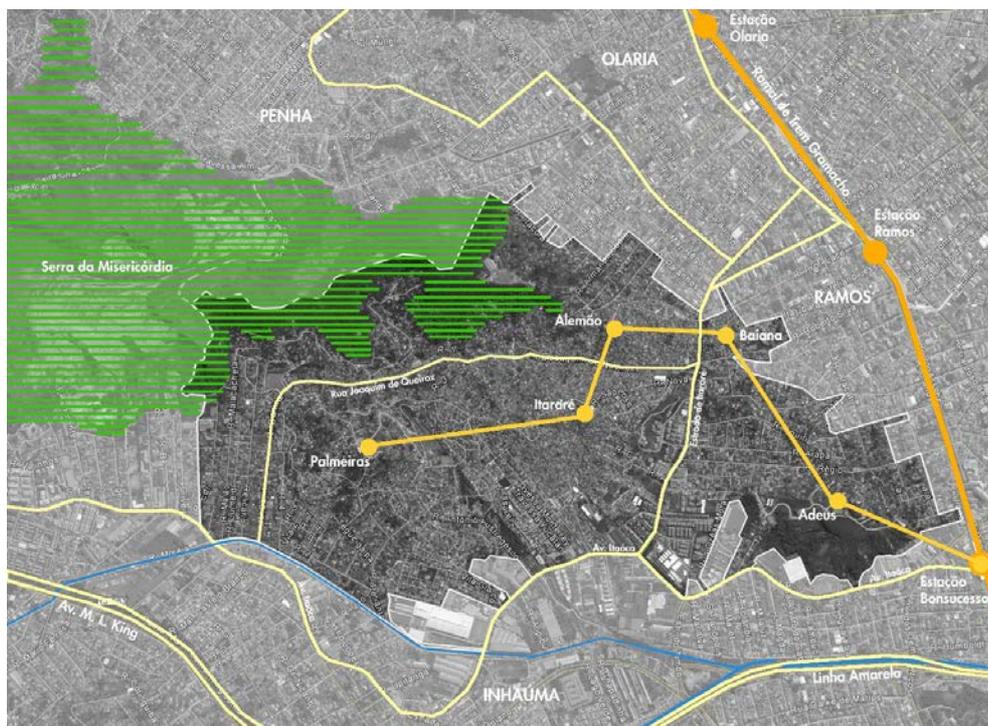


Imagem 2: Delimitação do Complexo do Alemão e diferenciação das 15 comunidades. Em vermelho destaca-se as regiões conhecidas como Loteamento e Área 5. Elaboração da autora.

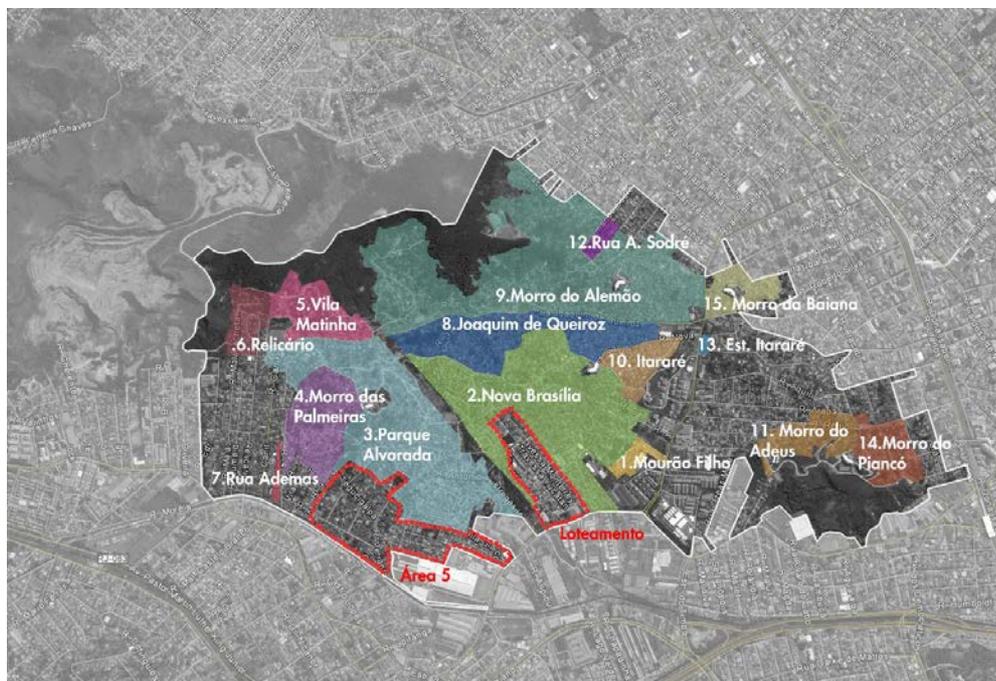


Imagem 3: Vista do Complexo do Alemão em direção à Serra da Misericórdia – porção de ocupação mais recente. Foto: coleção pessoal.



Imagem 4: Uma das estações do teleférico – ocupação consolidada. Foto: coleção pessoal.



Imagem 5: Comparação da foto aérea das três regiões analisadas: Nova Brasília, Loteamento e Área 5. Fotos: Google Earth.



BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. (2005). *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed Instituto Pereira Passos.
- BOURDIEU, P. (1997). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis. Ed Vozes.
- ELIAS, N; SCOTSON, J L. (2000) *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FOOT-WHITE, W. (1977) *Treinando a Observação Participante*. In GUIMARÃES, A. Z. *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora.
- KOWARICK, L. (1993). *A espoliação urbana*. São Paulo: Ed Paz e Terra.
- MARICATO, E. (1996) *Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo. Hucitec.
- MARICATO, E. (2015) *Para Entender a Crise Urbana*. São Paulo: Ed Expressão Popular.
- MAZO, L M. S. TAMAYO, A L. G. (2014) *Ciudad Construida a Varias Manos. Prácticas recientes de Intervención urbana en áreas informales: Proyecto Urbano Integral, zona nororiental de Medellín (Colombia)*. In: *Práticas Recentes de Intervenções Contemporâneas em Cidades da América Latina*. D’OTTAVIANO, C. e ZUQUIM, M. São Paulo: FAU USP.
- MOTTA, E. (2014) *Houses and Economy in the Favelas*. In *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v.11, n.1. January to June 2014. Brasília, ABA.
- PARK, R. (1987) *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*. In: *O Fenômeno Urbano*. VELHO, O. Guanabara: Rio de Janeiro.
- PASTUK, M; VELLOSO, J. (2013). *Favela como Oportunidade: plano de desenvolvimento das favelas para sua inclusão social e econômica - Complexo do Jacarezinho e Complexo do Alemão*. Rio De Janeiro: INAE.

- PESSOA, F; BARBOSA, R. (2012). *Sobre Desejos e Cidades*. Fundação Vale. Rio de Janeiro.
- RIO MAIS SOCIAL – Instituto Pereira Passos. *Panorama dos Territórios, UPP'S Complexo do Alemão* 09/2014. Disponível em www.riomaisocial.org acessado em 15/03/16.
- ROY, A. (2009) *Planejamento e Gestão Espacial da Pobreza*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v.11, n.1, maio de 2009.
- SANTOS, M. (2007) *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Edusp.
- SILVA, A. (2006). *Imaginários Urbanos*. Arraigo Editores. Bogotá. Colombia.
- SILVA, H. (2015). *Política e reestruturação do território: PAC e UPPs no Complexo do Alemão*. UFRJ Phd Tesis. Rio de Janeiro.
- VALLADARES, L. (2005) *A invenção da favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- WACQUANT, L. (2001). *Os Condenados da Cidade*. Rio de Janeiro. Ed. Revan.